

O que faz o brasil, Brasil?: alinhando o “b” de Brasil

Leandro Borges

Centro Universitário da Amazônia (Pós-graduação), Santarém, PA,
Brasil
ORCID 0009-0002-2033-6671

Resumo

DaMatta traz em sua obra o modelo de Brasil, mas não qualquer país. É um lugar onde todos são aceitos, todos têm seus direitos e deveres respeitados, podem falar o que pensam sem sofrer censura. Mas, ao se estudar o livro *O que faz o brasil, Brasil?*, percebe-se que a letra minúscula é tida como objeto sem vida, sem a capacidade de se reproduzir que sobrevive nas escondidas raças. E o Brasil com letra maiúscula mostra a complexidade e o ecletismo, com território e fronteiras internacionalmente reconhecidas, tem memórias, significado e simbolismo. Um país que tem uma identidade, mas também seus devaneios. O livro mergulha no questionamento dos fatores que nos fazem ser brasileiro, carregar uma identidade com características ímpares, mas constroem uma sociedade única e com efeitos afirmativos e negativos diante de certas questões. Interroga como a mulher é vista na sociedade, os encantos do Carnaval e a malandragem do brasileiro e seu “jeitinho”.

Palavras-chave

Resenha. Brasil. Identidade. País. Malandragem.

Roberto DaMatta, professor emérito da Universidade de Notre Dame, mostra uma preocupação científica ao investigar a identidade nacional brasileira, que se encontra na obra *O que faz o brasil, Brasil?* (1984). Pareceu-nos oportuno analisar com profundidade o tema abordando o olhar externo e interno do país, em relação à visão de outros autores que seguem a mesma linha teórica de DaMatta.

DaMatta começa construindo a essência de um conjunto de caracteres que fazem o “*brasil*” – termo de valor diminutivo, “nome de um tipo de madeira de lei ou de uma feitoria interessada em explorar uma terra como outra qualquer”, que se transforma em “*Brasil*” – “um povo, uma nação, um conjunto de valores, escolhas e ideais de vida” (1984, p. 1-20). DaMatta, ao mergulhar na produção do livro, buscou associar identidade à alma brasileira como um conceito particular entre todas as outras nações, buscando aproximar-se deste conceito hipotético com a sustentação em características peculiares que se manifestam em festas carnavalescas, refeições, leis e regras, costumes,

esportes e, em última instância, com a linguagem da sociedade brasileira codificada através do aspecto de vivência.

Diante disto, ele isenta os heróis, os grandes fatos históricos, as grandes reviravoltas políticas e os aspectos com que temos mais hábito de lidar na elaboração teórica. A preocupação que é expressa nos primeiros parágrafos do livro é a de compreender particularidades da realidade social e popular, uma espécie de ‘subtexto’, aquilo que, por detrás, molda posturas, qualidades e defeitos limitadores.

A sociedade é construída a partir de princípios, valores, tradições, com raízes fortemente associadas à cultura, uma sociedade nascida com regras e tradições políticas. DaMatta nos convida, então, a refletir, a partir de uma preocupação que designa na bibliografia, sobre como mostrar que a sociedade não é um colóquio de economia, restrito a métricas e termos técnicos vazios de essencialidade; ela carrega cores, vida, hábitos e símbolos usuais que são inseridos em conversa.

“A identidade se constrói duplamente”, segundo DaMatta, quando busca destacar a existência de duas principais abordagens de distinção do Brasil em relação a outras sociedades com identidades nacionais melhor definidas. A primeira é por meio dos dados quantitativos, a partir dos quais sempre somos uma coletividade que é insuficiente; a outra é por meio de dados sensíveis e qualitativos, que nos permitem enxergar a nós mesmos como algo que vale a pena.

DaMatta afirma: “o que faz o brasil, Brasil não é mais a vergonha do regime ou a inflação galopante e ‘sem vergonha’, mas a comida deliciosa, a música envolvente, a saudade que humaniza o tempo e a morte, e os amigos que permitem resistir a tudo” (1984, p. 21). É perceptível que em nenhum momento o antropólogo afirma que devemos ignorar os dilemas e intempéries nacionais, mas é notório que devemos analisar nosso país a partir de suas duas facetas essenciais, e não apenas uma delas. O subdesenvolvimento crônico mostra as relações afetuosas e as manifestações artísticas que são determinantes e podem ser mostradas na sua singularidade.

O antropólogo propõe uma associação essencial do Brasil em sua história. Segundo ele, tivemos uma espécie de *casamento* originário. Para ele, o Brasil é egresso da monarquia tradicional lusitana, com base escravista e a partir de um império socialmente purgado. Este compõe uma aliança que mescla profundamente os

elementos tradicionais, familiares, clânicos, aristocráticos e, por isso mesmo, tribais, ainda que com elementos modernos.

Em contrapartida, numa visão negativa, ponderamos duas características que adviriam de forma lamentável em nossos comportamentos. Uma delas, a famosa afirmação *você sabe com quem está falando?* seria peculiaridade de quem apela para o clã, a família e o sobrenome para justificar seus atos e safar-se da responsabilidade sobre eles. Neste contexto, a sociedade tem uma interpretação errônea, pois, por ter elaborado a lei, acredita que esta serve para si própria, dando-lhe o direito de descumpri-la. Aos outros só resta curvarem-se a essa lógica.

Aqui traçamos uma outra característica que ressoa negativamente na sociedade, mas é uma forma comum de atuação social, o *jeitinho brasileiro*, lapidado pelo esforço adquirido ao ajustar as leis universais aos ganhos pessoais, muitas vezes, em busca dos atalhos argumentativos e usando vantagens sociais para se superiorizar e burlá-las. Este *jeitinho brasileiro* pode ser visto tanto como um favor quanto como uma forma de corrupção. Estaria, então, localizado entre esses dois polos, em que o primeiro é positivo e o outro é negativo, podendo pender mais para um lado ou para o outro.

DaMatta reflete em uma parte do livro que este modo de *malandragem* usual em nossa sociedade seria “uma trágica oscilação entre um esqueleto nacional feito de leis universais cujo sujeito era o indivíduo e situações onde cada qual se salvava e se despachava como podia, utilizando para isso o seu sistema de relações pessoais” (DaMatta, 1984, p. 95). Isso refuta o indivíduo que cria as leis universais que modernizam a sociedade para tal comportamento e sujeita-se a uma relação social, restando a *malandragem* como via de conseguir o objetivo, mesmo sendo de forma errada.

Em outras visões, o *jeitinho brasileiro* acostumaria as pessoas a agirem por este viés quando não se encontra exemplo, como a carga simbólica associada à elite política brasileira, por exemplo, muitas vezes vista como composta por pessoas que usurpam de seus para trabalhar em prol de seus interesses pessoais. DaMatta afirma:

Não há no Brasil quem não conheça a malandragem, que não é só um tipo de ação concreta situada entre a lei e a plena desonestade, mas também, e sobretudo, é uma possibilidade de proceder socialmente, um modo tipicamente brasileiro de cumprir ordens absurdas, uma forma ou estilo de

conciliar ordens impossíveis de serem cumpridas com situações específicas, e – também – um modo ambíguo de burlar as leis e as normas sociais mais gerais (DaMatta, 1984, p. 97).

Adicionalmente, DaMatta, faz uma análise relativa do Brasil com os EUA, a França e a Inglaterra. As leis são obedecidas ou elas não existem, ou seja, navegar na lógica da *malandragem* e do *jeitinho brasileiro* pode significar vantagem, mas também desvantagem ao burlar leis e viver sob a lógica do *você sabe com quem está falando?*.

É trazida ainda a ideia de que a tradição liberal tem muito a contribuir na sociedade, partindo deste contraponto de DaMatta. A tradição liberal é identificada na dimensão exorbitante no Estado e nas atribuições sem limites que se estabelecem em forma de ficções jurídicas, privilégios, patrimonialismo e conchavos. Ao analisar esta perspectiva, conclui-se que a existência das divisões profundas da pobreza e de hábitos negativos como o jeitinho brasileiro são o contrário do que a tradição liberal busca valorizar, a partir da perspectiva de DaMatta.

Dando sequência às análises de Roberto DaMatta, o autor exalta o Carnaval sendo uma festa que busca diluir numa medida proporcional a hierarquização, unindo a sociedade como um todo em uma mesma grande atmosfera, ou seja, o autor associa a festa carnavalesca a um mundo de teatro e prazer, pois observa-se que o evento proporciona diversas situações, algumas permitidas e outras não. Além disso, é notório observar que os dias de Carnaval são vividos utopicamente como se não houvesse pobreza, miséria, obrigações e deveres a serem cumpridos, com mais liberdade sexual e nudez permitida publicamente.

Seguindo sua linha de pensamento, o autor Agostini (2004) em seu livro *Brasileiro, sim senhor!: uma reflexão sobre nossa identidade* faz uma abordagem sobre o Brasil mulher. Segundo ele, a manutenção da lógica da sociedade machista que temos atualmente ainda exige bastante esforço. No início do texto, Agostini nos convida a compreender os motivos que levam a sociedade a ser machista atualmente.

Logo, percebe-se que, desde muito cedo, as mulheres participavam nos trabalhos no campo auxiliavam os homens no sustento da casa. Por gerar filhos e amamentá-los por um ou dois anos, a mulher precisou se ausentar do trabalho no campo e ficar cuidando dos filhos, frutos e raízes. A partir desta ótica, o papel da mulher não somente no campo, mas dentro de casa, é perceptível, enquanto o homem encontrava-se

na lavoura, a mulher seguiu sendo útil dentro de casa, provendo o básico e sendo submissa ao homem. Segundo Agostini (2004):

Mais tarde, depois que se descobriu que o homem era responsável, juntamente com a mulher, pela geração de filhos, ou seja, depois que foram descobertos a paternidade e o conhecimento para realizar a agricultura, passou-se a valorizar mais a descendência, [...] (Agostini, 2004, p. 73).

Como resultado, a mulher passou a ser enquadrada nos papéis familiares, perdeu o espaço na sociedade, não podia sair sem a permissão do homem e deixou sua vaga no mercado de trabalho. A atuação no mercado passa a ser vista como trabalho braçal e é desempenhada pelo homem.

Agostini (2004) alinha-se ao pensamento de DaMatta (1984) ao afirmar que a mulher, ao reconquistar o espaço no mercado de trabalho, percebe a discrepância salarial, ainda que exercendo a mesma função que o homem, com as mesmas cargas horárias, porém com salário usualmente inferior. Felizmente, esta realidade hoje é debatida em eventos científicos e mercadológicos que buscam desafiar essa lógica, entendendo cada vez mais a importância da valorização da mão de obra da mulher no século XXI.

Em seu último capítulo, DaMatta discorre sobre dinheiro e religião. Ele analisa a linguagem relacionada a esses aspectos, que preconiza que, para se chegar até Deus, seria necessária uma identidade que habite e se encontre no caminho o que precisa, sendo a religião o alvo. O autor destaca a pergunta, que ainda não conseguimos responder: *como se chega a deus no Brasil?* São diversas as experiências que os brasileiros encontram no caminho da religião e, ao mesmo tempo, possuindo uma experiência limitada, pois a linguagem é a conexão entre relação e ligação, idioma que busca instigar a salvação do ser humano.

No entanto, o que faria o Brasil, Brasil, com a letra *b* maiúscula, é a característica que o país carrega dentro de si: a fé devotada de um povo com uma realidade que muitos buscam incansavelmente, o lugar de valores, símbolos e o orgulho de ser brasileiro com sangue rubro. De poder conseguir fazer malabarismo para esquivar-se das crises. É o Brasil de querer destaque no futebol, das mulheres lutadoras, do Carnaval, da cultura como reconhecimento do povo nos quatro cantos do mundo,

revogando o pensamento de que seríamos um *povo sem cultura*. Deste modo, o Brasil é um país que tem suas dificuldades, mas é, ao mesmo tempo, uma terra fértil em toda sua extensão, com uma mistura de etnias, marcada pela busca de Deus, lugar que traz de berço a educação e pede para que seus governantes sejam exemplos éticos para sua sociedade. É o Brasil trabalhador, de fé, país cujo povo tem orgulho de vestir a camisa.

Referências

AGOSTINI, João C. **Brasileiro, sim senhor!**: uma reflexão sobre nossa identidade. 2^a ed. São Paulo: Editora Moderna, 2004.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1984.

What makes brazil, Brazil?: aligning the "b" of Brazil

Abstract

DaMatta presents in his work a model of Brazil, but not just any country. It is a place where everyone is accepted, everyone has their rights and duties respected, and can speak their mind without censorship. However, studying the book *What makes brazil, Brazil?*, one realizes that the lowercase letter is considered a lifeless object, incapable of reproducing itself, surviving in its races, that are hidden most of the time. And Brazil with a capital letter shows complexity and eclecticism, with internationally recognized territory and borders, memories, meaning, and symbolism. A country that has an identity, but also its daydreams. The book delves into questioning the factors that make us Brazilian, carrying an identity with unique characteristics, but which build a unique society with affirmative and negative effects on certain issues. It questions how women are viewed in society, the charms of Carnival and the analysis of Brazilian cunning in the "jeitinho" (a way of getting around rules).

Keywords

Brazil. Identity. Country. Trickery.

Como citar

BORGES, Leandro. *O que faz o brasil, Brasil?: alinhando o “b” de Brasil*. **Interfaces da Comunicação**, [S. l.], v. 1, n. 6, 2025, p. 1-6.

Recebido em: 20/06/2025.

Aceito em: 01/08/2025.